

TODO NAUFRÁGIO É
TAMBÉM UM LUGAR DE CHEGADA



MARCO SEVERO

Todo naufrágio é também um
lugar de chegada



© Moinhos, 2016.
© Marco Severo, 2016.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Revisão:
LiteraturaBr Serviços Editoriais

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Serviços Editoriais

Ilustração da Capa e Capa:
Lily Oliveira

1ª edição, Belo Horizonte, 2016.

*Nesta edição, respeitou-se o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

S498t
Severo, Marco | Todo naufrágio também é um lugar de chegada
ISBN 978-85-92579-03-6
CDD B869.3
Índices para catálogo sistemático
1. Contos I. Título

Belo Horizonte:
Editora Moinhos
2016 | 208 p.; 21 cm.

Editora Moinhos
editoramoinhos.com.br
editoramoinhos@gmail.com

Sumário

Parte Um: *O declínio do Homo erectus*

Selvagem, 13

Meio Amargo, 17

Na casa do cordeiro, o lobo anfitrião, 30

Cobrança, 54

Sem ela não dá, 59

Plantação abundante em terreno frágil, 67

Sítio arqueológico, 80

O museu errático das pequenas virtudes, 88

A linguagem dos versos, 97

Parte Dois: *A ascensão da fênix roubada*

O delicado valor do fim, 107

Abismo, 120

Enquanto meu pai não vem, 129

O jardim de pedras, 136

Litoral, 150

Perdendo o cabaço, 160
O que Abel tinha a ofertar e Caim a receber, 163
Carta para o ausente, 174
Sonhar com a luz através das ruínas, 182
Vai dar samba, 193
A contagem dos dias, 199

Este livro é para cinco professores:

Roberto Becco, que me ensinou a gostar de ler.

Ayla Diógenes, que me mostrou o caminho para os bons livros.

Camila Araujo, por ter me levado ao Mágico de Oz.

Marina Colasanti, que me ensinou a acreditar no que tenho a dizer.

Antonio Carlos Viana, pela generosidade.



*Sempre lembrando:
Somos nós, os fraquinhos que não aguentam briga,
os de óculos, os cadeirantes, os que vivem com bem pouco.
Somos nós, a civilização.
Somos nós que inventamos a ajuda mútua e,
com ela, a linguagem.
E mais, somos nós que restamos depois das hecatombes.
Os fortões, os fodões, eles morrem. Por exemplo, os dinossauros.
Foram os pequenininhos, os que qualquer vento derruba,
os que ficaram até hoje cantando na árvore.*

Elvira Vigna



Parte Um
O declínio do Homo erectus



Selvagem

Nas primeiras reuniões de condomínio eu e Amanda descobrimos que tínhamos um amor incondicional por literatura. Resolvemos dar início a um clube informal de leitura que se reunia a cada quinze dias para ler e conversar sobre o que havíamos lido. Claro que com as doze mulheres reunidas ora na casa de uma, ora na casa de outra, a literatura ficava em segundo plano e a gente passava a maior parte do tempo era falando da vida alheia, com a desculpa de que nos juntávamos para falar de livros.

Pouco tempo depois que os encontros começaram, eu já estava querendo matar a Amanda. Ela só abria a boca pra falar do Rodrigo, seu *filhinho* de doze anos. Em tudo o Rodrigo era perfeito. Se ia escovar os dentes, escovava tão bem que se esquecia do que estava fazendo (eu aposto que ele fazia isso com a torneira aberta o tempo todo), nunca tinha tido *uma* cárie. Em cada reunião, sabíamos em detalhes de outras perfeições do menino: entrava no quarto pra estudar e só saía quando tivesse terminado, recolhia numa caixa todos os brinquedos espalhados pelo chão do quarto e

claro, nunca brigava com a irmãzinha. Como se um menino de doze anos fosse brigar com a irmã recém-nascida. Só se ele tivesse vocação pra Mogli, o menino-lobo, e tivesse sido criado numa selva.

Todas as vezes que eu ia na casa da Amanda com o meu filho, Lucas, que também tem doze anos mas é alguns meses mais novo que o dela, o menino podia estar comendo o que fosse, de um pacote de recheado a uma taça com salada de frutas, que nunca oferecia. Não se levantava do sofá pra pegar um copo d'água nem pra ele mesmo, que dirá pras visitas. Eu não sei onde a Amanda enxergava esse menino tão educado.

Aos poucos o clube foi minguando e das doze mulheres, dali a pouco só tínhamos eu e mais três; a Amanda no meio, óbvio. Ela ia bem perder a oportunidade de fazer nossos ouvidos de penico falando da perfeição que Deus colocou no mundo que era o filho dela? Nem pensar. Além do mais, eu fingia bem, não demonstrava nem com um arqueamento de sobancelha o que realmente sentia com aquele falatório todo. Para todos os efeitos, éramos muito amigas.

Quando as férias escolares se aproximaram, num dia de clube, eu deixei as outras mulheres irem embora e falei para a Amanda, Eu estava pensando: o que você acha do Rodrigo passar uns dias na nossa casa de praia? Ia ser uma boa para o Lucas ter alguém além dos primos com quem brincar... Você acha mesmo que é uma boa, Sandra? Eu nem acho os nossos filhos muito chegados... Mas é justamente por isso que eu tive a ideia! Será uma excelente oportunidade para que eles se aproximem e para que o Lucas veja o menino maravilhoso que o Rodriguinho é. Sendo assim, acho que você tem razão. Vou conversar com ele e com o pai dele e mais tarde te dou uma resposta.

Eu não tinha nem dúvidas que o Rodrigo iria. Ele já tinha ido na nossa casa de praia uma vez, e tinha adorado. Se tinha um menino pra gostar de mar e sol, era aquele. Além do mais, a casa era enorme, tinha piscina com trampolim (de onde os meninos adoravam ficar se jogando) e ficava num lugar privilegiado, o que era uma soma de tentações. E como ele conseguia dos pais tudo o que queria, era causa ganha.

Como Amanda e o marido não estavam de férias, todos os dias ela ligava para saber como estavam as coisas por lá, e aproveitava para falar de como o filho era obediente em locais que não conhecia muito bem, que só comia o que lhe davam, seguia regras e horários à risca e tudo o mais. Foi então que eu tive um clique para algo que já vinha passando pela minha cabeça.

Na noite seguinte fiz um sanduíche extra pra cada um e coloquei as crianças para dormir mais cedo. Era folga do caseiro, e eu arranjei um motivo pro meu marido ir ao supermercado e à farmácia, que ficavam quase na entrada da cidade, comprar umas coisas que a gente estava precisando. Eu queria ficar sozinha.

Fui até a piscina e esvaziei boa parte do lado fundo, onde ficava o trampolim regulável, que eu elevei mais de um metro. Deixei água o suficiente para as crianças ainda quererem ir lá. Na manhã seguinte, quando acordaram, eu estava dentro da piscina, de joelhos, para eles não desconfiarem de nada. Assim que avistei meu filho, saí da água e fui até ele. Fique longe da piscina hoje. Ele me perguntou por quê. Eu disse que o seu Geraldo iria fazer uma limpeza nela, e que eu havia entrado só pra ver como estava a sujeira. Disse isso pra evitar que ele me fizesse perguntas, pré-adolescente é uma praga. Aproveitei e coloquei um remedinho no suco dele, pra ele cair no sono depois do almoço.

Era chegada a hora de ver se o Rodriguinho era mesmo um menino tão obediente e seguidor de regras.

Com Lucas dormindo como quem espera um beijo para ser acordado, coloquei meu biquíni e chamei Rodrigo para a piscina. Ele não pensou nem meia vez. Falei para ele entrar com cuidado, a água estava quente àquela hora. Assim ele fez. Ele brincou, mergulhou um pouco, e antes que a brincadeira solitária começasse a entediá-lo, eu soltei para ele, Rodriguinho, agora eu quero ver você dando um pulo daqueles que só você sabe dar dentro da piscina, ok? Ele sorriu, sem desconfiar de nada, coitado.

Subiu os degraus numa obediência canina, olhou para a piscina e saltou de cabeça. Teve um afundamento lateral do crânio e perdeu vários dentes. Como minha amiga Amanda está sem condições emocionais, sou eu quem fico com ele no hospital, velando por ele para o caso de ser necessário chamar um médico ou uma enfermeira. A família entende que foi uma fatalidade, e me agradece todos os dias por eu deixar de estar com o meu próprio filho para estar com um filho que não é meu. Eu apenas sorrio, e digo que não faço mais do que minha obrigação. Pensei em dizer também que me sentia culpada pelo que havia ocorrido, mas não disse, isso podia dar ideias aos familiares.

Dizem que, se ele escapar, vai ficar com problemas neurológicos terríveis.